

Formação de Professores, estágio supervisionado e corpo: Biopoder e exclusão social

Teacher Education, supervised practicum, and the body: Biopower and social exclusion

Formación Docente, práctica supervisada y el cuerpo: Biopoder y exclusión social

Recebido: 09/10/2025 | Revisado: 20/10/2025 | Aceitado: 21/10/2025 | Publicado: 23/10/2025

Dalila Calcagno Lemos

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7305-5194>
Centro Universitário de Volta Redonda, Brasil
E-mail: daliladelemos@gmail.com

Cassio Martins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1851-9268>
Centro Universitário de Volta Redonda, Brasil
E-mail: professorcassio@hotmail.com

Marcelo Paraiso Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6236-3224>
Instituto Federal do Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: marcelo.alves@ifrj.edu.br

Resumo

A pesquisa objetiva investigar o modo como estudantes de Educação Física, do 5º ao 8º período do Bacharelado em uma instituição do interior do Estado do Rio de Janeiro, estão sofrendo constrangimentos que coloquem em dúvida a sua competência técnica decorrente do padrão ideal de corpo estabelecido pela mídia. Foram utilizados questionário online e entrevistas semiestruturadas como instrumentos investigativos. As narrativas dos estudantes sugerem que discursos normativos, sobretudo influenciados pelo capitalismo e disseminados pela mídia, afetam a autoimagem e a percepção relacionada à própria competência técnica, mostrando, assim, como o biopoder regula condutas e contribui para a exclusão de sujeitos que não correspondem ao modelo corporal hegemônico. O estudo indica que a formação em Educação Física deve ampliar o debate sobre corporeidade a fim de valorizar a subjetividade, romper com percepções reducionistas e reconhecer as dimensões sociais e culturais que atravessam o corpo.

Palavras-chave: Biopoder; Corpo; Normalização; Formação de Professores de Educação Física; Ensino e Aprendizagem.

Abstract

The study aims to investigate how Physical Education students, from the 5th to the 8th semester of the Bachelor's program at an institution located in the interior of the State of Rio de Janeiro, experience constraints that call into question their technical competence, as a result of the ideal body standards promoted by the media. Data were collected through an online questionnaire and semi-structured interviews. Students' narratives suggest that normative discourses—shaped largely by capitalism and amplified by the media—affect their self-image and perceived technical ability, illustrating how biopower regulates conduct and contributes to the exclusion of individuals who do not fit the hegemonic body model. The findings indicate that Physical Education curricula should broaden the debate on corporeality to value subjectivity, dismantle reductionist perceptions, and acknowledge the social and cultural dimensions that constitute the body.

Keywords: Biopower; Body; Normalization; Physical Education Teacher Training; Teaching and Learning.

Resumen

La investigación tiene como objetivo analizar cómo los estudiantes de Educación Física, del quinto al octavo semestre de la carrera de Licenciatura en una institución del interior del Estado de Río de Janeiro, experimentan situaciones de constricción que ponen en duda su competencia técnica, como consecuencia de los estándares corporales ideales promovidos por los medios de comunicación. Se utilizaron un cuestionario en línea y entrevistas semiestruturadas como instrumentos de investigación. Las narrativas de los estudiantes sugieren que los discursos normativos —especialmente influenciados por el capitalismo y difundidos por los medios de comunicación— afectan la autoimagen y la percepción de la propia competencia técnica, mostrando así cómo el biopoder regula conductas y contribuye a la exclusión de sujetos que no se ajustan al modelo corporal hegemónico. El estudio indica que la formación en Educación Física debe ampliar el debate sobre la corporeidad con el fin de valorar la subjetividad, romper con percepciones reducionistas y reconocer las dimensiones sociales y culturales que atraviesan el cuerpo.

Palabras clave: Biopoder; Cuerpo; Normalización; Formación de Profesores de Educación Física; Enseñanza y Aprendizagem.

1. Introdução

A presente estudo está centrado no modo como a supervalorização do corpo na contemporaneidade impacta a subjetividade do ser humano, servindo como uma tecnologia que propicia prazer e fantasia de forma alienada. O uso desmedido na busca do corpo saudável e do corpo erotizado pela mídia, ao mesmo tempo em que incentiva o consumo, fixa a narrativa do mito de uma sociedade humana (Venturini et al., 2020).

Nesta linha de pensamento cabe refletir: qual o impacto e consequências do padrão de corpo para estudantes do bacharelado em Educação Física?

Partindo da questão supramencionada, o presente trabalho se justifica por trazer à tona o impacto do modo como o padrão midiático tem normalizado os corpos de estudantes de Educação Física em seu processo de formação, especificamente por intermédio do estágio desenvolvidos nas academias. Tal procedimento excludente tem sido percebido de maneira assistemática em rodas de conversa com estudantes que já sofrem alguma forma de discriminação pelo seu corpo, prática está que parece estar amparada em uma lógica que entende a Educação Física reduzida a equação exercício físico e saúde e, por conseguinte e de modo subjacente, a saúde como sinônimo de estética.

Isto posto, a pesquisa elucubra sobre a forma com que estudantes de Educação Física concebem e valorizam seus próprios corpos enquanto um constructo e o impacto deste no mercado, tendo em vista que os padrões atuais de valorização estética e imagética em voga exigem que aqueles(as) que atuam no fitness sirvam como vitrines vivas dos serviços que oferecem (Oliveira & Coelho Filho, 2019; Venturini et al., 2020).

Considerando o sujeito como fim e meio das construções sociais, produto de seus atravessamentos e produtor destes, essa pesquisa pode contribuir e ampliar o debate em torno da identificação do impacto e da influência do conceito de corpo ideal, fornecendo indicativos importantes sobre a autoimagem, especificamente moldados por um modelo de formação em Educação Física.

A compreensão de que a corporeidade (Najmanovich, 2001) emerge do processo de enação ou da imersão sincrônica do sujeito no mundo abre caminhos para que estudantes e o próprio curso de formação do Profissional de Educação Física influenciem a percepção e a aceitação de si mesmos e dos outros tal como são, sem impor-lhes uma lógica que normalize e subjuguem seus corpos.

Assim, a pesquisa objetiva investigar o modo como estudantes de Educação Física, do 5º ao 8º período do Bacharelado em uma instituição do interior do Estado do Rio de Janeiro, estão sofrendo constrangimentos que coloquem em dúvida a sua competência técnica decorrente do padrão ideal de corpo estabelecido pela mídia.

2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa social envolvendo 15 estudantes respondentes, num estudo de natureza qualitativa e reflexiva (Pereira et al., 2018) e com apoio de revisão não sistemática (Rother, 2007).

Metodologicamente, a investigação se aproxima dos Estudos do Cotidiano (Pais, 2003; Oliveira e Sgarbi, 2008) no intuito de compreender as práticas cotidianas que emergem dos processos de formação inicial do professor de Educação Física.

Considerando a aproximação à lógica cotidianista, (Oliveira e Sgarbi, 2008) salientamos que o estudo foi se construindo enredado aos problemas da vida lábil. Para Pais (2003), a sociologia cotidiana exige uma prática artesanal na feitura dos processos investigativos, visto que as tramas e os problemas da vida cotidiana influenciam e determinam o percurso da pesquisa.

Inicialmente, intencionávamos desenvolver a pesquisa utilizando rodas de conversa, entretanto, com a incompatibilidade de dias e horários dos atores sociais envolvidos na investigação, a entrevista com perguntas semiestruturadas

foi o caminho possível de ser trilhado.

Desse modo, o presente trabalho desenvolveu-se por intermédio de dois movimentos complementares: primeiro, a aplicação do questionário - Google Forms – no intuito de mapear estudantes que já tinham experienciado situações constrangedoras decorrentes do padrão corporal durante o estágio e, que tinham o interesse em participar da pesquisa; segundo, as entrevistas com perguntas semiestruturadas realizadas presencialmente, no intuito de conhecer e mergulhar nas experiências dos(as) estudantes.

Portanto, buscou-se no estudo o acontecimento discursivo e o seu modo singular de construção; como nos ensina Foucault (2002), o enunciado não como suporte ou estrutura de um conteúdo fundamental mas como função de existência que cruza um domínio de unidades possíveis fazendo com que apareçam como conteúdos concretos no tempo e no espaço. Para Foucault (2002, p. 124) o discurso é entendido como “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação”.

Neste sentido, o discurso como acontecimento se torna a centralidade da investigação arqueológica, visto que a permanência do enunciado e a decorrente manutenção de sua [...] identidade através dos acontecimentos singulares das enunciações, seus desdobramentos através da identidade das formas, tudo isso é função do campo de utilização no qual ele se encontra inserido” (Foucault, 2002, p. 120). Portanto, para Foucault (2002), o enunciado não é uma forma idealizada reproduzível em qualquer lugar ou sob condições materiais adversas ou ainda, não é aprisionado às coordenadas espaciais e temporais de sua origem, pois por ser dotado de transformação lenta e gradual, não possuindo inércia, entretanto, sempre está sob condições estritas ao espaço e tempo de sua produção.

Isto posto, foi possível mergulhar nas experiências de estudantes que vivenciaram as academias de musculação como espaço de formação (estágio obrigatório) e, que respectivamente, foram impactados pelo padrão de corpo estabelecido midiaticamente, produzindo uma rede de relações que tornaram um discurso possível de se tornar existe: o enunciado de que um corpo obeso ou com sobrepeso não possui competência técnica profissional.

Nessa perspectiva, o estudo parte do pressuposto de que o compartilhamento das experiências de estudantes pode auxiliar no processo de aprendizagem *ensino* proposto na formação de professores, porque intermedia a construção de conhecimentos em redes (Oliveira, 2012), permitindo que as narrativas retornem ao processo de aprendizagem para posterior reflexão junto a estudantes em formação.

Diante do exposto, o que propomos é tomar a experiência como uma dimensão que revela evidências indiciárias de como a sociedade atual estabelece por intermédio de símbolos e sinais (Ginzburg, 1989) parâmetros para as pessoas que atuam como profissionais nas Academias Fitness.

Cabe frisar que, por ser um trabalho que envolveu seres humanos, o estudo foi encaminhado ao Comitê de Ética e aprovado sob o parecer: 6.449.838.

¹A experiência aqui é entendida a partir de Larrosa (2002, p. 27) que entende que: “(...) o saber da experiência sublinha, então, sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto. A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”.

²Para Alves (2008, p. 11) “(...) a junção de termos e a sua inversão, em alguns casos, quanto ao modo como são ‘normalmente’ enunciados, nos pareceu, há algum tempo, a forma de mostrar os limites para as pesquisas com os cotidianos, do modo dicotomizado criado pela ciência moderna para analisar a sociedade”. Assim, fundado nas ideias de Alves (2008) e seguindo a sua lógica, mantivemos a inversão *aprendizagem ensino*, por concordarmos como pensamento de que ninguém ensina sem antes aprender.

2.1 Instrumentos da Pesquisa

A opção pela escolha do questionário *Google Forms* se deu em decorrência da facilidade de acesso e de uso do formulário, além de agilidade que propiciou a fase de identificação de estudantes voluntários para o estudo (Mota, 2019).

Cabe frisar que o questionário foi enviado de forma *online* por *WhatsApp* e/ou *e-mail* para 16 estudantes do 5º ao 8º ano do curso de bacharelado em Educação Física de uma Instituição de Ensino Superior do Sul Fluminense. Os(As) estudantes receberam um link compondo uma explicação sobre a pesquisa, seu caráter ético e o acesso direto ao questionário. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi enviado junto ao link, permitindo que o questionário pudesse ser respondido apenas após a concordância com o termo. Cada participante teve livre escolha para acessar o link e responder ou não o questionário.

Considerando os 16 estudantes que receberam o link e responderam ao questionário, 15 consentiram em participar da pesquisa, sendo 8 homens e 7 mulheres, de 20 a 40 anos de idade.

A pesquisa qualitativa foi desenvolvida no âmbito dos estudos nos/dos/com os cotidianos, já que a aplicação desse tipo de investigação é relevante em dois aspectos: (1) contribui para que um problema seja examinado profundamente dentro um referido espaço/tempo; (2) tem a preocupação de trazer à tona o acontecimento singular, mas atravessado pelo discurso situado pelo contexto social (Foucault, 2002).

3. Referencial Teórico

3.1 Padrão de corpo, corporeidade e a influência na Educação Física

No final do século XVIII se consolidou um contínuo reconhecimento no que diz respeito à personalidade do indivíduo com seu próprio corpo e tal perspectiva passou a ser ainda mais exacerbada pela mídia na segunda metade do século XX, por intermédio de campanhas que fomentam a ideia de que cada um tem o corpo que merece (Grando, 2001).

Nota-se uma expectativa contraditória na Modernidade, na qual o homem sente necessidade de dominar o corpo e, simultaneamente, libertá-lo, subjuguá-lo e fazer com que sua felicidade decorra dele. Se por um momento a crença é depositada na superioridade e independência da mente, ao mesmo instante o corpo é sujeito a práticas sociais que privilegiam a estética, como academias e clubes esportivos, medicamentos, dietas e intervenções cirúrgicas (Grando, 2001).

Pessoas de diversas faixas etárias e classes sociais embarcam em uma corrida competitiva, liderada pela multiplicação de imagens de corpos saudáveis e permanentemente belos, as quais se diferenciam da realidade. Nessa competição, para subir ao pódio é preciso vencer o dualismo entre o que se é e o que se idealiza. (Sant'anna, 2001).

Debord (2007) contextualiza que a visão – o sentido mais abstrato do ser humano – converte a realidade em simples imagens que, por sua vez, conduzem um comportamento hipnótico que rege a cultura da aparência. Desta forma, o valor do sujeito se transfigura no que ele aparenta ser e não no que ele é de fato (Novaes e Vilhena, 2018).

A tecnologia dá força a tais imagens e a existência de cada um obtém notoriedade quando se transforma em vitrine:

Sendo assim, podemos afirmar que o corpo, nos dias atuais, ganha uma dimensão de importância jamais vista anteriormente, na medida em que o sujeito passa a receber juízo de valor, que qualifica ou desqualifica a sua existência, baseado na aparência que revela ao mundo. (Novaes & Vilhena, 2018, p. 84).

Rodrigues (1979) esclarece que os indivíduos seguem exigências da cultura, muitas vezes sem consciência sobre essa dominação. Assim, são educados a firmar semelhanças que garantem certa homogeneidade à sociedade. E é em meio a tal conformidade, que se exerce um poder disciplinar inevitável, sistemático e meticuloso sobre o comportamento do corpo de cada um no cotidiano: um “corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam” (Foucault, 1997, p. 134).

Gonçalves (2012) complementa que a história acumulada de uma sociedade imprime seus códigos no corpo,

induzindo o homem moderno a reprimir sua expressividade corporal e a criar formas estereotipadas de comportamento corporal. À vista disso, nos deparamos com a supervalorização da aparência, tida como poderoso capital, levando à busca desmedida por um corpo perfeito (Novaes & Vilhena, 2018).

Entende-se também, conforme Gonçalves (2012) que a Educação Física deve conceber a corporeidade por meio de um sentido sensível à vida humana, pois o corpo sente, expressa, comunica, cria e significa. Ainda assim, percebemos um discurso normalizador que emerge da própria área de atuação, o qual mascara a beleza em saúde e ludibria as pessoas para que elas vejam a atividade física como uma salvação (Costa & Venâncio, 2004).

Essa normalização – influenciada, sobretudo, pela mídia – se materializa, inclusive, na preocupação de estudantes de Educação Física em relação a sua aparência física, revelando insatisfação com a imagem corporal (Garcia e Cortés, 2012). Para Rech, Araújo e Vanat (2010) é interessante a percepção que vem destes acadêmicos, já que eles próprios atuarão com práticas corporais no futuro.

3.2 Normalização e o Biopoder

Ao iniciar o diálogo com os(as) participantes da pesquisa, foi possível perceber discursos singulares pertinentes à percepção do corpo na área de Educação Física. Desse modo, nos debruçamos sob as questões que abarcam a estética e o seus múltiplos impactos na competência técnica dos futuros profissionais da área.

A tendência discursiva que trabalha com a lógica de duvidar daqueles(as) que não atendem aos pressupostos midiáticos é frequente, visto que o discurso normalizador da mídia e a mercantilização do corpo no contexto capitalista, tende a afetar tanto as expectativas dos clientes quanto a autoimagem dos que atuam com bacharelado na Educação Física.

Nesta linha de pensamento, o conceito de biopoder utilizado no estudo opera a partir do que nos ensina Foucault (2021) ao se referir à estatização do biológico, ou seja, o controle exercido sobre o corpo coletivo e a vida da população.

Partindo do processo de controle sob o corpo, Foucault (2021) nos chama a atenção para a transição do poder soberano para o poder disciplinar e nos esclarece que, na época clássica, o poder se manifestava na concessão de fazer morrer ou deixar viver a partir do privilégio de uma instância do confisco capaz de apreender as coisas, o tempo e os corpos, até que se tomasse a vida para, enfim, suprimi-la. A partir do século XVII, o poder soberano passa a complementar operações que se exercem positivamente sobre a vida, gerindo-a e multiplicando controles precisos e de regulações de conjunto sobre ela.

A esse respeito, Nascimento (2012) aponta a contribuição indispensável do biopoder para o desenvolvimento do capitalismo por intermédio do agenciamento e subordinação das forças de vida, onde o saber revestido de poder dá origem à capacidade instrumental e técnica de disciplinalização do corpo-indivíduo com foco na força de trabalho.

Tais procedimentos oriundos do poder disciplinador, centrados no corpo como máquina, são caracterizados por Foucault (2021) como anátomo-políticas do corpo humano e constituem um dos polos do biopoder: trata-se do corpo adestrado, dócil, produtivo e útil ao sistema econômico.

Já na segunda metade do século XVIII, emerge outro polo que, desta vez, se apoia nos processos biológicos e gestão calculista da vida: uma biopolítica da população.

A instalação – durante a época clássica, dessa grande tecnologia de duas faces – anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo (Foucault, 2021, p.150)

Nota-se, portanto, que o biológico reflete no político e o controle se reorganiza para além da ameaça à morte: as estratégias, então, passam a situar no nível da própria vida e operam distribuições em torno da norma. Nesse tocante, a

tecnologia de poder centrada na vida dá origem, como efeito histórico, a uma sociedade normalizadora (Foucault, 2021).

Operando em uma lógica de normalização biopolítica, o biopoder rejeita diferenças e reforça a homogeneidade dos sujeitos pela conformidade com padrões sociais. A esse respeito, Palma e Vilaça (2010) reforçam que existe uma distribuição diferencial das normalidades, de modo a construir um vínculo de inclusão e relação entre coisas que são consideradas mais favoráveis que as outras.

Sob o mesmo viés, Revel (2006) discorre que a homogeneidade nega a individualidade e reduz os sujeitos a uma amostra que pode ser facilmente governada. Logo, o biopoder se determina como um mecanismo de controle eficaz justamente por se apoiar em um conjunto de indivíduos agrupados sobre aspectos comuns. Tal agrupamento é possibilitado por meio de normas que, segundo Canguilhem (2009), se correlacionam em um sistema social, tornando-o uma organização que possui regras de ajustamento das partes: a “norma é aquilo que fixa o normal a partir de uma decisão normativa” (Canguilhem, 2009, p.94).

Conforme Foucault (2021), o biopoder opera em diversas instituições capazes de regular a vida em sociedade, como fábricas, hospitais, escolas, hospícios, prisões e, no caso do presente trabalho, a mídia.

Diante do exposto, optamos por apresentar os achados da pesquisa a partir de dois tópicos, conforme dispostos a seguir: sociedade, mídia e normalização e exclusão da experiência profissional, biopoder e academia.

4. Resultados e discussão

4.1 Sociedade, mídia e normalização

Ao nos depararmos com as narrativas dos(as) estudantes, foi possível perceber pistas, fragmentos indiciários (Ginzburg, 1989) do tecido social que emergiram como formas de dispositivos de controle e poder (Nascimento, 2012). Com base no pensamento foucaultiano, Sacramento, Magalhães e Abib (2020) salientam que a normalização na sociedade pós-disciplinar é, antes de tudo, uma responsabilidade individual.

Desta forma, neste estudo, vamos trabalhar com a ideia de que o poder do discurso midiático opera mecanismos autorreguladores para a busca de um corpo esteticamente perfeito.

Nesse contexto, percebemos a intervenção de práticas discursivas para que os indivíduos atendam a padrões normativos, tendo os meios de comunicação e redes sociais como um dispositivo de disciplinalização e docilização do corpo que atua a partir da lógica de circulação de saberes. As narrativas a seguir revelam pistas (Ginzburg, 1989) da influência da mídia no processo de sujeição dos corpos:

MC: Muitas pessoas associam hoje em dia a profissão ao padrão que é vendido com a internet, com a informação que a gente recebe muito e com base em comparações. Então, hoje um dos maiores fatores que causam muitos problemas psicológicos nas pessoas, desencadeia dessa comparação e desse julgamento do corpo. A informação traz muita coisa nova, simultânea, uma atrás da outra. E aquilo é, de certa forma, vendido pra gente. Então você acaba vendo o tempo todo, repetidas vezes, e toma aquilo como certo. Ah, eu quero isso daqui porque isso daqui está de acordo com a maioria e nem sempre, porque a gente sabe que não é uma coisa que se encaixa nem psicologicamente com a realidade de muitas pessoas e dentre outros fatores que podem levar você a não conseguir manter uma rotina como aquela que é vendida na internet hoje em dia [grifos nossos].

AL: É nítido como a mídia faz isso porque você vê que as pessoas estão cada vez mais doentes, elas estão sempre tentando uma perfeição que não existe. É gente que faz lipo aqui, lipo ali. Nada nunca tá bom! Parece que sempre tem algum defeito, por mais que a pessoa já esteja naquilo que é considerado padrão. Existe uma pressão muito grande, principalmente para quem trabalha com imagem. As pessoas estão sempre criticando, sempre achando motivo e aquilo faz mal. Tem muita gente que está fazendo muita coisa desenfreada e nem sabe por quê [grifos nossos].

TR: O próprio ambiente, as mídias sociais, Instagram, Facebook, a mídia que for. Tem bastante idealização do

corpo perfeito ali né, nas mídias sociais [grifos nossos].

AT: Eu fico buscando pela estética porque a gente é inundado por todos os lados: pela mídia, por várias coisas. **Isso é bonito e todo mundo quer ser bonito, né?! [grifos nossos].**

D: Eu acho que o que mais influencia **além do capitalismo é a mídia**, cara. **A mídia influencia muito as pessoas.** Você vê pessoas com o corpo, esteticamente falando, perfeito, bonito, e mesmo assim estão tentando fazer alterações porque veem a possibilidade. Toda cirurgia é grave. Não existe cirurgia simples. Então a pessoa vai pro centro cirúrgico por questão de 1% de gordura, 2% de gordura no corpo, pra tentar tirar medidas mínimas, milímetros. **Aí às vezes a pessoa coloca a vida em risco por pouco porque a mídia influencia muito, mostra muito isso, mostra que isso é o certo**, que isso vai dar certo, que procedimento cirúrgico não é tão grave assim, que é uma cirurgia simples... E a pessoa de fora, vendo que deu certo, ela acaba acreditando. Vamos colocar aí que 90% da população faz de tudo por um corpo estético. E academia, dieta, é difícil. Então tendo o jeito mais fácil, a pessoa acaba indo. Cirurgia, anabolizante... **Porque o capitalismo está ligado diretamente nisso, já que a pessoa tem dinheiro pra isso, ela vai pelo método mais fácil [grifos nossos].**

Percebe-se que a mídia auxilia na construção do discurso que normaliza os corpos, enquanto dispositivo de saber-poder, para produzir efeitos de sentido que os condicionam à forma de sentir, pensar e agir a partir de um processo que disciplina e dociliza indivíduos (Gonçalves, 2012, Grando, 2001; Sant'anna, 2001;).

A esse respeito, a narrativa de AL indicia como a mídia estabelece um *modus operandi* dinâmico, que parece incentivar busca de uma perfeição inatingível (Sant'anna, 2001). Trazer à tona a narrativa de AL se deve por recordar da discussão de Lucien Sfez (1995) com relação à saúde perfeita. O autor revela que o Projeto Genoma, iniciado na década de 1980 nos EUA, intencionou a produção de uma saúde perfeita por meio da constituição de corpos geneticamente concebidos.

Ao considerar o exposto por Sfez (1995), somos remetidos a entender que há uma equação que reduz a noção de saúde à lógica orgânica (Costa e Venâncio, 2004) e, portanto, anátomobiológica, pois se a saúde perfeita advém de um corpo geneticamente perfeito, não precisaríamos nos preocupar com outras questões que assolam a vida do ser humano: acesso à moradia, alimentação, transporte público, empregabilidade, diversas formas de discriminação – raça, sexualidade, gênero, capacitismo – dentre outros, conforme menciona a 8ª Conferência Nacional de Saúde (Brasil, Ministério da Saúde & Conselho Nacional de Saúde, 1986).

Desse modo, fica evidenciada a relação entre discurso estabelecido pela mídia e o capitalismo (Sant'anna, 2001; Novaes e Vilhena, 2018), conforme pode-se perceber na narrativa do(a) estudante D. O(A) estudante faz emergir a contradição estabelecida no cotidiano de uma sociedade capitalista, visto que, para alcançar e permanecer no padrão estabelecido, torna-se necessário além do esforço diário de horas na academia, os custos necessários para tal manutenção: mensalidade do estabelecimento, roupas e tênis esportivos, alimentação balanceada, possíveis gastos com procedimentos estéticos, suplementos alimentares, dentre outras práticas.

Não por menos, percebe-se que há dispositivos de sujeição que intencionam homogeneizar e naturalizar um discurso, impondo a objeção ao corpo que é considerado desviante por não atender os dispositivos estabelecidos pela mídia, conforme disposto na narrativa:

AT: Olha, eu vou confessar pra você que eu tenho uma luta interna muito grande. **Eu tenho uma consciência crítica de que padrão de corpo não é uma coisa legal porque traz sofrimento às pessoas, mas eu confesso que eu também fico buscando esse corpo, entendeu? [grifos nossos].**

Outro aspecto a ser discutido é o modo como esse dispositivo de controle é utilizado para normalizar práticas e valores, tornando-os hegemônicos (Gonçalves, 2012). A mídia não apenas transforma o corpo em objeto de regulação e controle, mas também reforça sentimentos de inadequação (Gonçalves, 2012; Garcia e Cortés, 2012; Rech, Araújo e Vanat, 2010) a partir do momento que promove ideais de beleza frequentemente inatingíveis pela maioria das pessoas.

Outras narrativas de estudantes revelam como a estética afeta a autoestima e conduzem à insatisfação corporal:

RJ: Eu via alguns corpos que eu queria alcançar, só que eu não conseguia, **então eu acabava não me aceitando, eu me achava esteticamente feio, eu não gostava do meu corpo e tentava sempre buscar o corpo desejado né, o corpo que todo mundo quer.** Então foi mais ou menos esse conflito que eu tive. As pessoas, elas veem em rede social, em Instagram, aquele corpo perfeito, o corpo padronizado. Então elas saem em busca disso [grifos nossos].

AL: Por mais que eu seja magra, eu sinto que ainda não atendo aos requisitos que as pessoas querem. **Sinto que as pessoas acham que o que é bonito é a mulher que tem aquele coxão, bundão, corpão saradão. E eu não tenho. Eu sou só magra. (...) Teve um momento em que eu achei que ninguém nunca fosse gostar de mim** porque eu achava que meu corpo não era... que algum problema tinha em mim. Às vezes eu tenho que manejar minha cabeça pra não ver coisas onde não tem [grifos nossos].

P: Primeiramente, é um conjunto de fatores tanto socioculturais porque a sociedade impõe isso, seja por Instagram, seja pela mídia, pela chuva de informações que a gente recebe acerca disso. Mas também tem uma não aceitação do próprio indivíduo. **O indivíduo tenta se encaixar e acaba não se aceitando, geralmente** [grifos nossos].

Ao seguir o percurso da pesquisa, tendo como inspiração os estudos do cotidiano, torna-se possível recordar um movimento relevante a ser realizado pelo(a) pesquisador(a): ir além do já aprendido, como nos ensina Andrade, Caldas, Alves (2019).

Isto posto, pensamos nas estratégias de arrebatamento mencionadas por Hernandez (2006) ao discutir as estratégias e os truques da mídia. Para o autor, o arrebatamento corresponde ao momento chave que objetiva atrair a atenção e motivar o consumo. A pessoa é motivada a compreender de modo descontínuo uma categorização que deixa o interessado com foco no estímulo apresentado. O referido caráter descontínuo, por ser encorajador e cheio de novidades, prende a atenção e o engajamento, por exemplo: cores fortes, inusitadas, fotos grandes. Porém, o que se produz nas redes sociais — especialmente no Instagram —, conforme mencionado nas narrativas, constitui um bombardeio de corpos e imagens comparativas, funcionando como uma vitrine (Novaes e Vilhena, 2018) que tende a normalizar o padrão corporal.

4.2 Exclusão da experiência profissional, biopoder e academia

Em obras como Vigiar e Punir (1997) e História da Sexualidade (2021), Foucault explora como o biopoder exerce controle sobre os corpos, especialmente ao estabelecer o que é normal ou desejável em relação à aparência física por meio de determinadas normas e práticas. Nesse aspecto, o autor nos leva à percepção de como as normas estéticas são aplicadas nas academias de musculação e, sobretudo, como estagiários podem ser julgados para além de sua capacidade técnica em processos seletivos.

Foucault (2002) não trata o discurso como um conjunto de signos, como um meio passivo de meras representações e designação de coisas. Embora os signos existam, também existem práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos. Logo, se tentarmos conceber o discurso como um campo dinâmico de forças, possivelmente conseguiremos inferir que o padrão de corpo – enquanto objeto produzido pelo discurso – possibilita um impacto no sentido da exclusão social. Isso sugere que pessoas que não atendem à conformidade e à demanda do mercado podem sofrer consequências, segundo podemos perceber:

W: A gente ainda percebe que **os profissionais que estão na área fazendo mais dinheiro são os profissionais que tem o corpo mais atlético, são os profissionais que têm o corpo como uma vitrine, um corpo padrão de beleza.** São esses que as pessoas procuram mais. É tudo um **preconceito** mesmo né [grifos nossos].

Na narrativa de W, nos deparamos com indícios (Ginzburg, 1989) de que o sucesso na profissão não depende

exclusivamente do conhecimento técnico, pois o padrão de beleza exerce influência na captação de clientes e, conseqüentemente, no retorno financeiro. Quando o(a) estudante fala sobre preconceito, entendemos que os estereótipos atuais estigmatizam e excluem quem não corresponde ao padrão do corpo ideal e, conforme Ortega (2008), esse preconceito se torna maior em decorrência da obsessão atual pelo corpo idealizado.

Nesse sentido, é relevante perceber, além do mais, que o desejo por determinada forma corporal não é um fato novo e que cada período e cultura têm sua obsessão específica (Sousa e Sanches, 2018). Na atualidade, há uma tendência que caminha para a estética da magreza e do Body Building (Grando, 2001) e o discurso em questão, naturalizado pela mídia, é de que “construir um modelo de corpo está associado ao sucesso, traduzido pela conquista de melhores posições sociais e profissionais” (Santos e Salles, 2009, p. 87).

Se tratando do fitness e das academias de musculação, a narrativa de PH deixa pistas (Ginzburg, 1989) de que, para atender à expectativa de um modelo de corpo magro, esse corpo não deve ser tão magro assim:

PH: Na verdade, contrariando um pouco as questões, uma pessoa era **muito magra, muito, muito magra**, e aí ela me contou que **ela se sentiu julgada num processo seletivo por ser um processo de** musculação e ela não ter um corpo que era o esperado para aquela situação [grifos nossos].

Perceba que há chances de que o tipo de corpo normalizado nas academias de musculação tenha alguma relação com a narrativa de PH, considerando que determinados grupos associam o corpo musculoso ao cuidado com a saúde (Sacramento, Magalhães e Abib, 2020) e que ele representa um ícone cultural positivo, um meio de reconhecimento social (Santos e Salles, 2009; Novaes e Vilhena, 2018). Logo, alguém muito magro pode acreditar ser alvo de julgamento ao sentir que sua aparência não corresponde ao que se estabelece como referência, corroborando a afirmação de Goldenberg e Ramos (2002) sobre o corpo malhado ser um sinal indicativo de certa virtude humana, bem como um valor de identificação do indivíduo com determinado grupo.

Ao imergimos em mais uma narrativa, desta vez de AD, sentimos também um discurso suscetível a transferir ao professor a responsabilidade de uma idealização, repercutindo, por conjectura, na tendência de que seu corpo seja um espelho que reflete promessa de resultados aos clientes:

AD: Já vi aluna não fechar serviço com a aquela determinada professora devido ao corpo dela. **Os alunos também acham que o que a gente tem no nosso corpo é o que eles vão ter no deles, né**. Eles acham que a gente é capaz de dar aquilo que a gente tem. Mas **nem sempre é assim, porque tem um milhão de fatores que a gente sabe**: tem genética, tem o quanto você vai se dedicar, tem dieta... [grifos nossos].

Sobre esse aspecto, há sinais de que o corpo é controlado por intermédio do discurso – saúde e atividade física – midiático da atualidade, que constrói uma imagem perfeita e idealizada cuja qual descaracteriza o ser humano, conforme abordado por Costa e Venâncio (2004). No entanto, a própria narrativa de AD expõe uma problemática: há inúmeros fatores que podem influenciar na forma corporal, como genética, dedicação e alimentação. Isto posto, é presumivelmente difícil assegurar que um aluno conquistará o mesmo padrão estético de corpo do professor. Ainda assim, parece haver indícios de projeção de corpos ‘sarados’ que são tomados como referência, conforme percebemos:

P: **As pessoas observam o corpo e fazem julgamento acerca do profissional, de acordo com o corpo que ele tem**, ainda mais dependendo do ramo que ele trabalha. Geralmente, a pessoa que procura um **profissional vai enxergar nele um espelho do que ela quer enxergar em si mesma**. Então às vezes ela vai olhar o profissional com um corpo que ela não queria ter e **vai julgar a capacidade** dele em executar o que ele tenta passar para os outros [grifos nossos].

Nos parece que P chama a atenção sobre o modo como corpo é concebido pelas vias do poder exercido sobre ele, principalmente ao usar a metáfora do espelho: “vai enxergar nele um espelho do que ela quer enxergar em si mesma”. Najmanovich (2001, p. 16) ao discutir o conhecimento produzido pela modernidade e, em decorrência o corpo, nos ensina que ambos são uma imagem virtual do que está fora do sujeito e se constitui independente dele, pois “[...] o sujeito da modernidade não afeta nem é afetado por aquilo que conhece, como um espelho: quanto menos contribuição à imagem melhor; tem que se limitar a ser a superfície que reflete [...]”.

Partindo da lógica apresentada por Najmanovich (2001), evidencia-se que a imagem especular que permanece nos espaços Fitness é a perspectiva linear, coordenadas fixas que conduz e reconhece a legitimidade de um único olhar.

No corpo se imprimem instâncias de ordem ideal e social que inibem necessidades reais e individuais (Sant’anna, 2001). Assim, muitas vezes os sujeitos são privados de si mesmos e priorizam o que é valorizado pela sociedade, pois aprendem a analisar os seus corpos em conformidade ao meio que vivem. Sendo o corpo uma imagem social, existe em cada grupo, portanto, um “símbolo que provoca sentimentos de identificação ou rejeição dos sujeitos em relação a determinadas imagens” (Mançonaro, 2021, p. 25).

De acordo com Castro (2007), o ideal estético relacionado à musculação valoriza a exuberância de massa muscular. Nesse sentido, o símbolo sobredito é de um corpo musculoso. Por conseguinte, se é o corpo hipertrofiado, se é a forma musculosa passível de representar o que P se referiu como capacidade, é concebível considerar um possível julgamento e recusa ao corpo que não condiz com a perspectiva linear. Sendo assim, a impossibilidade de atender às expectativas impostas talvez possa afetar a relação do sujeito com suas emoções no que tange à imagem corporal, a sua corporeidade e à própria carreira, conforme W nos chama a atenção:

W: A pessoa pediu conta de onde ela trabalhava (eu trabalhei junto com ela). Ela pediu conta e foi trabalhar com uma outra profissão por achar que a Educação Física estava excluindo ela do lugar dela de trabalho. **Ela já não estava com um corpo legal e não estava conseguindo captar cliente por conta do corpo dela.** Saiu da educação física e tá trabalhando com outra coisa [grifos nossos].

Ao considerar o exposto, cabe refletir sobre o discurso do corpo – o corpo sarado – e sua relação com uma verdade – a competência profissional – que se impõe não simplesmente por ser verdade, mas porque é sustentada por todo um sistema de instituições e está sempre atrelada ao poder, a um jogo de forças que determina o que pode ser dito e aceito em cada época (Foucault, 2014).

A esse respeito, Ortega (2008, p.45) salienta que a tentativa de aproximação ao poder que se estabelece acontece porque “[...] queremos ser iguais para nos protegemos, nos escondermos. Ou somos idênticos ou nos denunciemos”.

Portanto, é válido questionar se a Educação Física e seus espaços de atuação no bacharelado têm favorecido indivíduos “condenados da aparência” (Ortega, 2008, p. 43), já que somos o que aparentamos e já que o nosso corpo está sempre subjugado ao olhar do outro.

5. Considerações

O presente estudo investigou se os estudantes do curso de bacharelado em Educação Física sofreram algum constrangimento em relação a sua competência técnica quando correlacionada ao padrão ideal de corpo estabelecido pela mídia.

Foi possível perceber múltiplos discursos sobre o corpo, que operam como dispositivos normalizadores, estabelecem critérios de validação social e são capazes de hierarquizar e excluir aqueles(as) que não atendem ao ideal estético estabelecido para a área do fitness.

As narrativas apontam para a interiorização de tais discursos, que passam a ser reproduzidos pelos(as) próprios(as) estudantes, revelando um jogo de forças em que o corpo é simultaneamente vitrine e mercadoria. Logo, o julgamento estético – antes vindo de fora – é absorvido e influencia práticas de autocontrole e assujeitamento. Nesse contexto, é possível perceber sentimentos de inadequação, insatisfação corporal e até abandono da área de atuação diante da pressão estética.

A expectativa de que o estagiário ou professor de Educação Física seja espelho do corpo idealizado pelo meio fitness revela a dinâmica de um biopoder que não se impõe pela força, mas sutilmente gere vidas, regula condutas e define o que deve ser considerado normal e aceitável. Esse biopoder se articula à lógica capitalista, promovendo a mercantilização do corpo e a transformação da saúde em um produto de consumo. Sendo assim, a busca desenfreada pela adequação estética envolve não somente investimento financeiro, mas sacrifícios emocionais e métodos até mesmo arriscados para moldar o corpo: o que contradiz a própria noção de saúde que a Educação Física deveria promover.

Ao percorrer as experiências relatadas, torna-se essencial problematizar a concepção de corpo que orienta a formação inicial na Educação Física, a qual muitas vezes se restringe ao campo anatômico-biológico e é dissociada das dimensões sociais, emocionais e culturais. A pesquisa convida, portanto, a uma reflexão mais crítica acerca de práticas formativas que reforçam modelos hegemônicos e fragilizam a complexidade da corporeidade. É necessário reconhecer que atuar com e sobre o corpo é também intervir nas estruturas de poder que o atravessam.

Referências

- Alves, N. (2008). *Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas*. In I. B. de Oliveira & N. Alves (Orgs.), *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos escolares: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP et Alii.
- Andrade, N., Caldas, A. N., & Alves, N. (2019). Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos. In I. B. de Oliveira, M. L. Süsskind, & L. Peixoto (Orgs.), *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: Questões metodológicas, políticas e epistemológicas* (pp. 19–46). Curitiba: CRV.
- Brasil. Ministério da Saúde; Conselho Nacional de Saúde. (1986). *8ª Conferência Nacional de Saúde: Relatório Final*. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8_conferencia_nacional_saude_relatorio_final.pdf
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico* (6ª ed. rev.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Castro, A. L. de. (2007). Culto ao corpo e estilos de vida: o jogo da construção de identidades na cultura contemporânea. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, 31.
- Costa, E. M. de B., & Venâncio, S. (2004). Atividade física e saúde: discursos que controlam o corpo. *Revista Pensar a Prática*, 7(1), 59–74.
- Debord, G. (2007). *A sociedade do espetáculo* (1ª ed.). Editora Contraponto.
- Foucault, M. (1997). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Editora Vozes.
- Foucault, M. (2002). *A arqueologia do saber* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2014). *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970* (L. F. de A. Sampaio, Trad., 24ª ed.). São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2021). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (12ª ed.). Editora Graal.
- García, Y. S. M., & Cortés, A. B. R. (2012). Imaginarios de beleza en estudiantes de Educación Física. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 30(1), 108–117. <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v30n1/v30n1a09.pdf>
- Ginzburg, C. (1989). *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história* (F. Carotti, Trad.). Editora Companhia das Letras.
- Goldenberg, M., & Ramos, M. S. (2002). A civilização das formas: o corpo como valor. In M. Goldenberg (Org.), *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca* (pp. 19–40). Rio de Janeiro: Record.
- Gonçalves, M. A. S. (2012). *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Editora Papirus.
- Grando, J. C. (Org.). (2001). *A (des)construção do corpo*. Blumenau: Edifurb.
- Hernandes, N. (2006). *A mídia e seus truques: o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto.
- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20–28.
- Mançonaro, R. J. C. B. (2021). *Imagem corporal em praticantes de musculação: uma abordagem fenomenológica*.

- Mota, J. da S. (2019). Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. *Revista Humanidades e Inovação*, 6(12), 372–380. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>
- Najmanovich, D. (2001). *O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Nascimento, M. (2012). Soberania, poder e biopolítica: Arendt, Foucault e Negri. *Griot: Revista de Filosofia*, 6(2), 152–169.
- Novaes, J. de V., & Vilhena, J. de. (2018). *O corpo que nos possui: corporeidade e suas conexões*. Curitiba: Appris.
- Oliveira, B. D., & Coelho Filho, C. A. de A. (2019). Fábrica de monstros: o “cuidado de si” em questão. *Movimento*, 25, e25090. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.89944>
- Oliveira, I. B. (2012). *O currículo como criação cotidiana*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ.
- Oliveira, I. B., & Sgarbi, P. (2008). *Estudos do cotidiano & educação*. Editora Autêntica.
- Ortega, F. J. G. (2018). *O corpo incerto*. Editora Garamond.
- Pais, J. M. (2003). *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. Editora Cortez.
- Palma, A., & Vilaça, M. M. (2010). O sedentarismo da epidemiologia. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 31(2).
- Pereira, A. S. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free ebook]. Editora da UFSM.
- Rech, C. R., Araújo, E. D. da S., & Vanat, J. do R. (2010). Autopercepção da imagem corporal em estudantes do curso de educação física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 24(2), 285–292.
- Revel, J. (2006). Nas origens do biopolítico: de *Vigiar e punir* ao pensamento da atualidade. In J. Gondra & W. O. Kohan (Orgs.), *Foucault 80 anos* (pp. 51–62). Belo Horizonte: Autêntica.
- Rodrigues, J. C. (2006). *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*. 20(2), 5-6.
- Sacramento, I., Magalhães, T., & Abib, R. (2020). As musas fitness como corpos dóceis: uma análise de processos de normalização do corpo feminino na cultura contemporânea. *Fronteiras – Estudos Midiáticos*, 22, 81–93. <https://doi.org/10.4013/fem.2020.223.07>
- Sant’Anna, D. B. de. (2001). *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação da Liberdade.
- Santos, S. F. dos, & Salles, A. D. (2009). Antropologia de uma academia de musculação: um olhar sobre o corpo e um espaço de representação social. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 87–102.
- Sfez, L. (1995). *A saúde perfeita: críticas de uma utopia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, L. M. A., & Sanches, R. D. (2018). O corpo do/no discurso midiático das dietas: efeitos do novo e da novidade.
- Venturini, I. V., et al. (2020). Musas fitness e a tríade corpo-consumo-felicidade. *Movimento*, 26.